



ARTIGOS LIVRES

Dos Alpes à tia do WhatsApp: Lucie Varga e os contornos do autoritarismo de que o Brasil escapou, por enquanto

From the Alps to the WhatsApp Aunt: Lucie Varga and the contours of authoritarianism that Brazil escaped, for now

Roberto Flores

Schmidt¹

orcid.org/0000-0003-4066-5210
beto.schmidt@gmail.com

Recebido em: 02 ago. 2025.

Aprovado em: 30 set. 2025.

Publicado em: 24 mar. 2026.

Resumo: Este artigo propõe uma leitura comparativa entre a análise da história do tempo presente em Lucie Varga sobre a ascensão do nacional-socialismo na perspectiva de moradores do vale de Vorarlberg e os processos de radicalização da nova direita extremista no Brasil contemporâneo, especialmente no período anterior à eleição presidencial de 2018. A partir de uma perspectiva que privilegia a observação do cotidiano, investiga-se como discursos autoritários se articulam e crescem sem moralismos difusos, vínculos afetivos, dentro e fora das esferas institucionais. O argumento parte de que, embora o Brasil tenha quase atingido uma ruptura institucional, não tivemos golpe, ditadura e o país escapou do autoritarismo, pelo menos por enquanto. Usando a figura da "tia do WhatsApp" como espaço simbólico de difusão conservadora, o texto reivindica o uso de ferramentas fora do cânone tradicional das Ciências Sociais para compreender a disseminação de discursos autoritários abaixo da superfície da grande mídia.

Palavras-chave: autoritarismo; Lucie Varga; além do cânone; bolsonarismo.

Abstract: This article proposes a comparative reading between Lucie Varga's analysis of contemporary history regarding the rise of National Socialism from the perspective of residents in Austria's Vorarlberg Valley and the radicalization processes of the new far-right in contemporary Brazil, particularly in the period leading up to the 2018 presidential election. Adopting a lens grounded in everyday life observation, the article explores how authoritarian discourses are articulated and grow not through abstract moralism, but through affective ties both inside and outside institutional spheres. The central argument is that although Brazil came dangerously close to institutional rupture, there was no coup, no dictatorship, at least not yet, and the country narrowly escaped authoritarianism. By evoking the figure of the "WhatsApp aunt" as a symbolic space of conservative dissemination, the text advocates for using tools outside the traditional canon of the social sciences to understand the spread of authoritarian narratives beneath the surface of mainstream media.

Keywords: authoritarianism; Lucie Varga; beyond the canon; Bolsonarism.

1 Introdução

*Tried to tell you about no control
But now I really don't know
Bad Religion, 1990²*

Diante do avanço de regimes autocráticos ao redor do Planeta – em março de 2025 eram mais de 3 bilhões de pessoas vivendo em países em



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença [CC-BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

² Gurewitz, Brett. 1990. 21st Century (Digital Boy). Letra de música. In *Against the Grain*. Epitah. Em tradução livre: "Tentei te falar sobre a falta de controle / Mas agora nem sei mais de nada".

processos de autocratização³ –, a grande maioria das análises parece insistir nos mesmos marcos teóricos e categorias interpretativas, como se a constante repetição dos autores canônicos e novos aspirantes ao cânone da sociologia e política bastasse para diagnosticar e criar argumentos que sejam úteis para entender a transformação subterrânea que está em curso. Nossa intenção com este artigo é justamente o oposto: propor uma observação dos contornos do autoritarismo a partir das margens do cânone, da leitura do cotidiano e das trajetórias que nos afastam do olhar institucionalizado. Esta escolha metodológica se alinha com o conceito de escrita de Max Bense, citado por Adorno (2003):

[...] escreve ensaisticamente quem escreve enquanto experimenta, quem vira seu objeto de um lado para outro, quem o questiona, o sente, o testa, o reflete minuciosamente, o ataca de diferentes ângulos, e em sua mente recolhe o que vê, e põe em palavras o que o objeto permite ser visto sob as condições estabelecidas no curso da escrita.

Nesse sentido, a figura pouco lembrada de Lucie Varga, historiadora austríaca dissidente da Escola dos *Annales*⁴, torna-se chave para entender aquilo que nos escapa: o autoritarismo ganha espaço não apenas com tanques e armas, mas se infiltra nas frestas dos nossos afetos, da banalidade doméstica.

Lucie Varga viveu, e foi vítima de certa forma, da ascensão do nacional-socialismo no vale de Vorarlberg, no sopé dos Alpes austríacos. Sua observação do cotidiano foge das abstrações morais e foca nos pequenos gestos, silêncios e adesões de indivíduos e suas razões únicas e individuais. Exatamente o tipo de análise que parece fazer falta em boa parte dos textos analíticos da polí-

tica atual. Ao revisarmos seus textos, saltou-nos aos olhos a possibilidade de comparação com o processo de adesão e radicalização da nova direita brasileira após as manifestações de 2013 e a eleição presidencial de 2018, que elegeu Bolsonaro presidente. Porém aqui temos um paralelo incômodo: tal como Vorarlberg, o Brasil também flertou com a ruptura democrática mas recuou (pelo menos temporariamente) da beira do abismo totalitário que se avizinhava.

Sem repetir os fatos ocorridos na Europa nos anos 30 do século XX, o Brasil não foi tragado por um regime totalitário – não houve golpe, nem ditadura. Isso não pode ser lido como uma vitória da nossa incipiente democracia, mas como uma frágil escapada. Se não houve perseguição aos judeus, houve perseguição aos opositores do presidente; se não houve massacre em campos de concentração, houve mais de 700.000 óbitos⁵; mesmo sem um Führer, tivemos um líder⁶ que era capaz de zombar dos mortos, ameaçar instituições, deslegitimar as urnas, preferir as *fakes news* dos grupos de WhatsApp em vez de os canais oficiais e oferecer desorientação onde deveriam estar as informações necessárias para orientar os cidadãos na pior crise de saúde que já vivemos.

Este artigo é um convite a pensar no autoritarismo por baixo dos espetáculos das manifestações de rua, no íntimo da família brasileira. A escolha da "tia do WhatsApp"⁷ é um símbolo da banalização do autoritarismo e nos abre um flanco de discussão de como a nova direita extremista construiu adesão e se tornou uma potência política.

Mais do que um exercício comparativo, trata-se de uma provocação interpretativa: será que parte da produção da Ciência Política tem dificuldades

³ *Democracy report 2025: 25 years of Autocratization – democracy trumped?* 2025. V-Dem Institute. <https://v-dem.net/publications/democracy-reports/>.

⁴ A Escola dos *Annales* surgiu na França em 1929, com Lucien Febvre e Marc Bloch, propondo uma nova forma de fazer História, menos centrada em datas e grandes eventos e mais voltada para os processos sociais, culturais e econômicos de longa duração. O movimento influenciou várias gerações de historiadores e ajudou a aproximar a História das Ciências Sociais, abrindo espaço para temas como mentalidades, cotidiano e memória.

⁵ Brasil. Ministério da Saúde. 18 maio 2025.

⁶ "Bolsonaro volta a minimizar covid no dia em que Brasil bate 150 mil mortes." 2020. *UOL Notícias*, 10 out. 2020. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/10/10/bolsonaro-volta-a-minimizar-covid-no-dia-em-que-brasil-bate-150-mil-mortes.htm>.

⁷ De acordo com Castelli-Rosa e Lins (2023), a expressão "tia do WhatsApp" emergiu no contexto de radicalização política brasileira pós-2013. Na esquerda, é usada como forma depreciativa de associação das mulheres mais velhas que disseminam *fake news* pró-Bolsonaro, carregando traços etaristas e sexistas de desqualificação do eleitorado. Na direita, é um estereótipo de engajamento e ativismo *on-line*, reconhecido inclusive por Jair Bolsonaro. Elas seriam o "núcleo duro" de eleitores, que dificilmente mudariam de opinião.

de captar os sinais mais sutis do autoritarismo por estar olhando para ele demasiadamente através das lentes do seu cânone? Não estaria na hora de buscarmos modelos ainda não desgastados para obter novas respostas?

2 A construção de um cânone

As análises baseadas nos autores *mainstream* que estudaram o surgimento do fascismo europeu em 1930 são bem conhecidas. Sabemos quais foram suas conclusões e a influência que tiveram nas análises do ressurgimento da nova direita radical no início do século XXI. Foram, em sua grande maioria, forjadas em/para outros tempos, em outros contextos históricos. Autores como Karl Marx, Max Weber e Michel Foucault tornaram-se clássicos e são repetidos nos textos que tentam explicar essa nova onda autoritária global, e particularmente a onda que assola o Brasil desde 2013.

O surgimento do bolsonarismo e sua associação com fenômenos como radicalização da direita, extremismo, autoritarismo e até fascismo tem mobilizado um esforço analítico expressivo. Como parte da presente investigação, realizamos um levantamento de dissertações de mestrado defendidas entre 2013 e 2025 em programas de pós-graduação com notas 6 e 7 na CAPES⁸, pertencentes à grande área de conhecimento das Ciências Humanas. Nossa busca incluiu cursos com os seguintes nomes: Ciência Política, Sociologia e Ciência Política, Ciências Sociais, Sociologia e Sociologia Política. Utilizamos como termos-chave: "Bolsonaro", "bolsonarismo", "direita", "autoritarismo" e "fascismo". O resultado foi de 389 dissertações.

Dessas, algumas não se encontravam disponíveis para consulta; outras não se adequavam ao escopo proposto por tratarem de questões jurídicas, educacionais etc. Ao final, selecionamos 40 dissertações. Após a leitura dos resumos, escolhemos oito para uma análise aprofundada, por se aproximarem diretamente das dinâmicas de emergência do bolsonarismo como fenômeno político e cultural. Em um panorama bastante reduzido, podemos dizer que os autores tiveram problemas de pesquisa bastante diferenciados sobre o tema. Bacarin (2023) buscou compreender a conexão entre ideologias de direita e movimentos contrários à vacinação obrigatória para a Covid-19 no Brasil. Galvão (2019) traçou paralelos entre a direita brasileira e o movimento Alt-Right nos Estados Unidos. Leal (2018) analisou como o discurso anticorrupção gerou manifestações no Brasil entre 2015 e 2017. Mendes (2022) buscou entender o engajamento de celebridades na esfera digital, focando nas lideranças políticas no Facebook na pré-campanha eleitoral de 2018. Lima (2023) investigou a adesão juvenil a valores antidemocráticos em tempos de pandemia. Menezes (2022) analisou a aplicabilidade do conceito de "fascismo" no Brasil. Souza (2022) examinou o efeito rabo de casaca da eleição do presidente Bolsonaro nas eleições municipais de 2020. E, por fim, Ferreira (2021) focou em compreender as formas que os usuários do Facebook utilizam o termo *fake news*.

Se considerarmos apenas uma menção por autor em cada uma das oito dissertações selecionadas e apresentadas anteriormente, levando em conta somente as referências bibliográficas, teríamos o seguinte Top 3:

Posição	Autor(es)	Frequência
1	Leonardo Avritzer e Cass Sunstein	5
2	Angela Alonso, Norberto Bobbio e Camila Rocha	4

⁸ Em pesquisa realizada em 25 de junho de 2025 no *site* da CAPES (sem data), foram listados 31 programas de pós-graduação e os seguintes foram selecionados, após a exclusão de programas de direito e educação: Sociologia (UFRGS), Sociologia (UnB), Sociologia (Ufscar), Sociologia e Ciência Política (PUCRS), Sociologia e Antropologia (UFRJ), Sociologia (UFMG), Sociologia (USP), Sociologia (Unicamp), Sociologia (UERJ), Antropologia (UFF), Ciência Política (Unicamp), Ciência Política (UFPR), Direito Político e Econômico (Mackenzie), História (UFG), História Social (USP), Políticas Públicas e Formação Humana (UERJ).

Posição	Autor(es)	Frequência
3	Gilles Deleuze, Michel Foucault, Ernesto Laclau, Débora Messenberg, Chantal Mouffe, Cas Mudde, Raquel Recuero, André Singer, Luciana Tatagiba e Max Weber	3

Porém, ao buscar no corpo do texto pelos autores canônicos⁹, a figura muda e encontramos

o seguinte Top 3:

Posição	Autor(es)	Frequência
1	Max Weber	5
2	Karl Marx	3
3	Theodor Adorno, Jürgen Habermas, Pierre Bourdieu e Anthony Giddens	2

O bolsonarismo é ao mesmo tempo um movimento, uma estética, um algoritmo, uma teologia e uma cultura. Para compreendê-lo, é preciso sair da zona de conforto; fazer perguntas com outras palavras; escutar onde ainda ninguém escutou. É compreensível o prestígio e a centralidade de autores como Adorno, Habermas e Bourdieu; mas essa segurança e esse prestígio têm um custo: o risco de empobrecer a teoria e reforçar um fechamento conceitual, justamente quando o objeto exige abertura, deslocamento e experimentação.

A partir dessa constatação, cabe-nos propor um desvio: antes de analisar o presente com as lentes de sempre, é preciso voltar os olhos àqueles e àquelas que ousaram olhar de modo diferente. Lucie Varga, uma historiadora quase esquecida, mas pioneira em sua abordagem do autoritarismo, nos oferece uma possibilidade de lente renovadora. Vítima de múltiplos apagamentos (de gênero, de origem, de época), Varga morreu jovem, aos 36 anos, em meio à Segunda Guerra Mundial. Nas palavras de seus editores brasileiros, "[...] era mulher, judia, imigrante, anti-fascista e diabética. Para ela, viver naquela época era muito perigoso. Além disso, Lucie foi uma

pesquisadora difícil de se classificar em termos de fronteiras disciplinares" (Castro e Marroquim 2024, 9). Apesar disso, foi a primeira mulher a publicar regularmente na revista *Annales*, marco da Nova História francesa. E, ainda assim, foi esquecida. Apenas um texto seu havia sido publicado em português até 2022. Uma busca na internet revela o grau de sua obscuridade: há apenas uma única foto de Lucie Varga disponível (Castro e Marroquim 2024, 7).

"Por que publicar Lucie Varga após esse longo esquecimento? Respondamos em uma frase: pela potência de seu olhar sobre a realidade social e pelo muito que podemos apreender com ele" (Castro e Marroquim 2024, 7). Potência que não se encontra somente no tema que ela escolheu, mas principalmente na forma. Sua observação do cotidiano, construída a partir da convivência com os moradores do vale de Vorarlberg, nas encostas dos Alpes austríacos, oferece um método que desafia o distanciamento do objeto de estudo e privilegia a escuta próxima, dos seus vizinhos, da história sendo construída à sua frente.

Para Varga, em um texto de 1936, "nada é natural e óbvio, nada é 'desnecessário dizer'" (Castro e Marroquim 2024, 26). Para a autora, o

⁹ O critério para autores canônicos foi o seguinte: autores trabalhados na disciplina de Fundamentos da Sociologia do PPG de Sociologia e Ciência Política da PUCRS no primeiro semestre de 2025. No programa, constam os seguintes autores: Anthony Giddens, Émile Durkheim, Harriet Martineau, Herbert Blumer, Jon Elster, Jürgen Habermas, Karl Marx, Max Horkheimer, Max Weber, Pierre Bourdieu, Talcott Parsons, Theodor Adorno, Ulrich Beck.

mais importante era o cotidiano. Sua observação se voltava às estruturas familiares, aos costumes locais, aos ritmos da vida camponesa, às pequenas adesões, aos silêncios e gestos. Sua prática rejeitava as categorias dos pesquisadores e valorizava a realidade dos seus interlocutores. Havia nela uma ética metodológica de escuta que buscava descrever antes de traduzir.

A autora propunha uma forma de observação situada, afetiva, imersiva e profundamente desconfiada das abstrações universais. Varga morava nos lugares que estudava, convivia com os sujeitos de sua análise e registrava tudo aquilo que, de alguma forma, escapava aos grandes relatos. "As chaves antigas não funcionam bem nas novas fechaduras", escreveu Varga em 1937 (Castro e Marroquim 2024, 55). Trata-se de uma recusa explícita às explicações pré-moldadas, algo cada vez mais urgente no campo da análise política diante dos fenômenos aparentemente novos, como as novas direitas radicais.

No caso da ascensão do nacional-socialismo em Vorarlberg, o que mais impressionava Varga não era a brutalidade explícita do regime, mas a forma como ele se insinuava na vida comum, nas pequenas renúncias, na reconfiguração de crenças, nos vínculos afetivos que se reorientavam. Seus relatos falam de homens e mulheres que, antes de aderirem a ideias autoritárias, aderiam a práticas que pareciam inofensivas, ou até justificáveis. São relatos que quase todos os brasileiros poderiam fazer, já que viveram de algum modo algo parecido no seio de suas famílias, grupo de amigos, trabalho, na vida social.

Este ponto é essencial para compreender os processos de radicalização no Brasil contemporâneo. Se a "tia do WhatsApp" se tornou uma figura simbólica da disseminação de *fake news* e discursos autoritários, isso não ocorreu em virtude de um plano sistemático, mas por meio de redes afetivas, de conversas cotidianas, de crenças que se reconfiguraram lentamente. A observação do cotidiano de Varga, ainda que situada em outro tempo e lugar, oferece pistas valiosas para entender esses fenômenos que ocorrem no subterrâneo das instituições.

Ao propor uma análise a partir das margens, Lucie Varga desafiou o cânone não apenas por ser mulher, judia e imigrante, mas principalmente por propor outra forma de fazer ciência social. Seu esquecimento (ou obscurecimento, como preferir) é, portanto, sintoma de uma sociedade que ainda resiste a reconhecer a validade de abordagens que não se encaixam nas molduras tradicionais. Retomá-la é não apenas um ato de justiça histórica, mas uma aposta metodológica: talvez o que falte para entender o novo autoritarismo não seja mais teoria (nem repetição de fórmulas), mas mais escuta. As respostas podem estar em outro lugar.

A seguir, exploraremos como o método de Varga pode iluminar a compreensão da nova direita brasileira comparando-o com pesquisas atuais. Existem mais pontos em comum que gostaríamos e alguns pontos de distanciamento, que dessa forma nos ajudam a entender como o autoritarismo se infiltra no nosso cotidiano, especialmente na forma como ele se articula fora das instituições políticas, sem tanques nas ruas, reconfigurando a visão de mundo a partir de vínculos afetivos, lógicas familiares e redes de confiança. O autoritarismo também sabe falar baixinho, ao pé do ouvido. Portanto, temos que refinar nossa escuta para ouvir seus sinais.

3 Os conceitos desenvolvidos por Lucie Varga e o bolsonarismo

Nas próximas páginas, propomos cruzar as descobertas de Vorarlberg em 1930 com os estudos recentes sobre o bolsonarismo quase um século depois. A intenção é iluminar zonas pouco exploradas da dinâmica autoritária brasileira e, quem sabe, devolver alguma nitidez ao espelho fragmentado do nosso tempo.

3.1 Simplificação do inimigo

Lucie Varga faz uma descrição da simplificação do inimigo como uma das características primárias das revoluções, incluindo obviamente aqui o nacional-socialismo. Varga ilustra como, para os primeiros convertidos, a conversão envolvia a denúncia do culpado responsável por todos

os males, a identificação de um único ente que encarnava esse destino cego. No caso emblemático do engenheiro que perdeu seu emprego, descrito por Varga (Castro e Marroquim 2024, 57), o inimigo identificado foi "o Judeu".

No artigo de Motta (2024) "Anticomunismo del siglo XXI en Brasil", é abordado como o anti-comunismo (tradicional na história brasileira) foi reapropriado e fundido com o antipetismo a partir de 2014, retratando o Partido dos Trabalhadores como a reencarnação da ameaça comunista. A narrativa se baseia em acusações buscando atingir os medos da população, como a ameaça de ditadura comunista, controle de instituições, financiamento de outros governos supostamente comunistas e ataques aos direitos humanos e pautas de minorias (feminismo, LGBTQIAPN+), vistos como uma grande ameaça à moral cristã/evangélica da dita família tradicional brasileira.

Preservando as diferenças geográficas e temporais, é o mesmo discurso simplista de identificação de um inimigo claro. Ambos os estudos se alinham, ressaltando a importância da construção/identificação/acusação de um inimigo claro e tangível como um mecanismo de mobilização de apoio e objeto claro que traz sentido para um mundo percebido como caótico e injusto, em uma ótica profundamente dicotômica. Além disso, encontram eco no conceito de "populismo", que, mesmo sendo mais amplo, tem em uma das suas principais características a divisão da população em "nós e eles". Como bem descreve Stanley (2018):

O sintoma mais marcante da política fascista é a divisão. Destina-se a dividir uma população em "nós" e "eles". Muitos tipos de movimentos políticos envolvem tal divisão. Por exemplo, a política comunista utiliza como arma as divisões de classe. Para fazer uma descrição da política fascista é necessário descrever a maneira muito específica pela qual a política fascista distingue "nós" de "eles", apelando para distinções étnicas, religiosas ou raciais, e usando essa divisão para moldar a ideologia e, em última análise, a política. Todo o mecanismo da política fascista trabalha para criar ou solidificar essa distinção.

3.2 Revolta dos bastardos

Varga observou que entre os primeiros convertidos ao nacional-socialismo encontravam-se os, chamados por ela, "desclassificados" (Castro e Marroquim 2024, 61). Não eram necessariamente os mais pobres, mas aqueles que se encontravam fora da estrutura social, que foram atingidos pela "perda da honra social". A autora descreve a angústia de quem perdeu a posição social, o sentimento de não pertencimento, de ser um excedente e rejeitado, alimentando ódio e rancor. Nesse contexto, o nacional-socialismo dava a eles a miragem de uma nova ordem em que poderiam reencontrar seu lugar e se sentiriam "escolhidos, iniciados", superiores aos outros.

No seu artigo "A revolta dos bastardos: do Pentacolonismo ao Bolsonarismo", Côrtes (2021) argumenta que o pentacolonismo e o bolsonarismo poderiam ser entendidos com uma "revolta de bastardos". Essa ideia descreve movimentos de contestação vindo das margens, de indivíduos que ocupam posições ambíguas em diversos campos (religioso, político, militar) e estão em busca de alcançar posições institucionais mais elevadas. Ambos, pentacolonismo e bolsonarismo, são motivados por uma recusa da humilhação e por uma busca de reparação. O movimento pentecostal surge de classe dominadas sem lugar específico no sistema dominante, oferecendo uma nova estrutura simbólica e social, repensando seus lugares no mundo.

Ambos os estudos apontam para um sentimento de desclassificação, por uma busca de pertencimento e ascensão em movimentos que contestam a ordem estabelecida. No caso da Áustria, a busca por recuperar a honra social e, no Brasil, a contestação dos indivíduos periféricos visando alcançar posições sociais que se sentiam excluídos pelos governos do PSDB e do PT.

3.3 Disseminação organizada

Em um dos paralelos mais interessantes que o texto de Lucie Varga traz para a leitura atual está a sua descrição do ambiente comunicacional. Nada do que é hoje reconhecido como fundamental para a comunicação política existia

na sua época. Não existia televisão e a internet não era imaginada nem em ficção científica. Os veículos de comunicação política eram panfletos e o rádio. Mas Varga percebeu a importância da disseminação de ideias através de contatos e das redes de influência pessoais. Foi através dessas redes que o discurso nacional-socialista se esgueirou nas mentes da população que vivia no sopé dos Alpes austríacos (e da Alemanha). Ela descreve como “[...] o mais velho começou a conversar com o mais novo. Ele ‘abriu seus olhos’ [...]” (Castro e Marroquim 2024, 46), levando-o à conversão, e como o jovem começa a “pregar na aldeia” realizando pequenas reuniões clandestinas para grupos selecionados. A autora segue descrevendo como um pequeno grupo de convertidos “fanáticos” (Castro e Marroquim 2024, 66) foi responsável por disseminar o desespero, jogar com o medo das pessoas e espalhar a nova doutrina.

O que Varga identificou com redes de influência em Vorarlberg, baseado em vínculos pessoais, assume hoje uma escala massiva. Empoli (2019) chama de “engenheiros do caos” aqueles que, munidos de dados, algoritmos e estratégias digitais, manipulam campanhas capazes de inflamar grupos. Não se trata de usar argumentos de convencimento, mas de apertar os botões certos que despertam emoções (raiva em destaque) através de estímulos personalizados e segmentados (*custom made*), invisíveis ao público em geral. Essa arquitetura de propaganda digital é responsável por transformar emoção em motor de adesão. A microsegmentação acaba por deslocar o foco da verdade/razão para o campo da emoção.

Cesarino (2019), ao analisar o bolsonarismo no contexto digital no seu artigo “Populismo digital, neoliberalismo e pós-verdade: uma explicação cibernética”, foca no papel do WhatsApp como a ferramenta principal de disseminação de conteúdo político na eleição de Bolsonaro em 2018. Destaca que as relações pessoais foram funda-

mentais, funcionando como “redes de confiança” através das quais as mensagens circulavam livremente. As mensagens chegavam como comunicações pessoais através dessas redes de confiança, o que as fez parecer mais confiáveis que as informações da mídia tradicional (uma pesquisa realizada pelo IBESPE em dezembro de 2024 indica que a televisão voltou a aparecer como veículo mais confiável de influência política¹⁰). Como o WhatsApp trabalha em uma rede *peer to peer* protegida por criptografia, o conteúdo que deveria circular livremente à vista da sociedade circula de forma privada, intensificando o “efeito bolha”, limitando argumentos contraditórios. O caráter de mensageiro livre, que não necessita de pagamento pelo uso (facilitado pelas operadoras de telefonia em pacotes de dados com WhatsApp grátis), favorece o ritmo acelerado de trocas de mensagem, amplificando ainda mais o poder de mobilização das mensagens de WhatsApp.

O artigo de Piaia e Alves (2020) “Abrindo a caixa preta: análise exploratória da rede bolsonarista no WhatsApp” nos traz o contraponto atual ainda mais próximo de Varga. Os autores também investigaram o uso estratégico do WhatsApp na campanha de Bolsonaro em 2018. A pesquisa mostrou o funcionamento da ferramenta como um canal de conexão com outras plataformas (Facebook, YouTube). A troca de mensagens era assimétrica, ou seja, não era espontânea, envolvia ações centralizadas que ditavam o tom da narrativa (defesa de Bolsonaro, ataque aos “comunistas”). Eles demonstram que um pequeno grupo concentrava a maior parte da criação de conteúdo, cabendo aos grupos de pessoas comuns a tarefa de distribuir a mensagem já definida, antecipando enquadramentos (criando contranarrativas). O sucesso dependia da replicação das mensagens por essas pessoas comuns: aqui representadas pelas “tias do WhatsApp”.

E esse é o ponto de diálogo na observação de

¹⁰ De acordo com pesquisa realizada pelo IBESPE em dezembro de 2024 sobre os hábitos de consumo de mídia dos eleitores brasileiros, a televisão ficou com 48% das escolhas para informação sobre eleições, portais de notícias com 38,4% e redes sociais 38,2%. Período de campo: De 04 a 05 de dezembro de 2024. Amostra: Foram realizadas 1.003 entrevistas, estratificadas de acordo com parâmetros adotados pelo TSE e pelo IBGE. Margem de erro amostral: a amostra resultou em 3,1 pontos percentuais, para cima ou para baixo, considerando um Grau de Confiança de 95%.

Varga, Empoli, Cesarino e Piaia e Alves. Apesar da distância de quase um século e das especificidades de cada contexto, todos identificaram um padrão recorrente: a ativação de redes de pessoas comuns para disseminar mensagens formuladas por um "núcleo duro", usando o jargão atual dos meios políticos. Embora sejam meios tecnologicamente distintos, de panfletos à microsegmentação (*microtargeting*), a lógica da capilarização por vínculos afetivos e estruturas de confiança se mantém como componente estrutural nas dinâmicas autoritárias. No entanto, o que diferencia o caso brasileiro é justamente a combinação dessa lógica antiga com tecnologias de disseminação massiva, algorítmica, segmentada de uma nova gramática política, que tornam o fenômeno difuso, veloz e envolvente.

3.4 Fenômeno híbrido

Ainda que o WhatsApp dissemine, quem recebe a mensagem já está preparado. O autoritarismo não nasce da conversa, mas da cultura. Lucie Varga, analisando a gênese do nacional-socialismo, enfatiza que ele é uma resposta alemã à crise, relacionando-se diretamente com a sua própria história. A autora argumenta que o movimento, mesmo sendo "fundamentalmente novo" (Castro e Marroquim 2024, 57), é incompreensível sem levar em consideração a história do século XIX, particularmente a frágil posição em que se encontrava a burguesia alemã, com seu dualismo entre nobreza/funcionários públicos e industriais/comerciantes pela disputa de prestígio. Ela nota como o nacional-socialismo se aproveitou dos movimentos anteriores de antiliberalismo e antiburguesismo para construir suas próprias questões.

No seu artigo, "Bolsonarismo, um fenômeno criado pelo próprio Brasil?" (2024), Caldeira Neto caracteriza o bolsonarismo como um fenômeno híbrido, que se alimenta também de padrões historicamente situados (no caso brasileiro, o papel dos militares, tradições autoritárias, anticomunismo) e de tendências globais (ascensão da direita radical), mas adaptado e influenciado por padrões e conjunturas locais. É uma combinação

de elementos da velha e da nova direita, que acontece através de batalhas culturais (contra o marxismo cultural e as pautas de gênero) e estratégias políticas (influenciar a cultura para mudar a política).

Entre os autores, o ponto em comum é a concordância de que os movimentos autoritários não têm gênese espontânea, mas são construídos sobre um terreno já fertilizado por tradições históricas somando elementos "novos" (novas formas de comunicação e pautas culturais) com um imaginário de retorno a um passado idealizado ou a uma ordem social "correta".

4 Considerações finais

A principal hipótese deste artigo é a de que Lucie Varga pode ajudar a ajustar a escuta diante do bolsonarismo. Não apenas como exemplo histórico, mas como método. Em vez de buscar o conceito-matriz ou a tipologia ideal de Weber, Varga nos convida a seguir os rastros: a escutar o sussurro da história nas falas de camponeses alpinos, nos símbolos religiosos reciclados, nas hesitações das instituições, nas adesões silenciosas.

Para ela, o fascismo (ou suas variantes) não era um monstro exógeno, mas uma forma de reorganizar o sentido do mundo interior quando tudo parecia falhar: partidos, trabalho, fé, comunidade. A ordem autoritária surge não apenas como dominação, mas como reconstrução de pertencimentos, mesmo que imaginários, mesmo que violentos.

O bolsonarismo, ao ser ao mesmo tempo um movimento, uma estética, um algoritmo, uma teologia, uma cultura e um fenômeno híbrido que se alimenta de padrões historicamente situados e tendências globais, resiste a ser capturado por uma única chave conceitual. Portanto, as tentativas de definir o bolsonarismo rigidamente, de enquadrá-lo em tipologias fechadas, representam uma limitação interpretativa que o próprio fenômeno exige que seja superada.

O bolsonarismo também reorganiza o mundo dos seus adeptos. Ele oferece uma gramática simples para explicar o caos, com heróis e vilões,

soluções rápidas, autoridade clara. Dá aos seus apoiadores uma sensação de virtude moral ao mirar nos "vagabundos" como imagem do "outro a ser combatido". Em troca, pede fidelidade, silêncio diante dos absurdos, riso diante da dor alheia.

Lucie Varga sabia que esse tipo de adesão não se desfaz com dados ou com razão. É necessário compreender o que se ganha subjetivamente ao aderir ao autoritarismo. O medo do vazio, a nostalgia do passado, a sede de ordem, a estética da força.

Varga é, portanto, mais do que uma autora esquecida: é um retorno à escuta atenta da política, às margens do processo, aos lugares onde a democracia se desfaz lentamente – nas piadas, nos gestos, nos silêncios.

Da mesma forma que a banda *punk* Bad Religion, citada na epígrafe, a tentativa de alertar sobre a perda de controle termina em incerteza. É assim também com o autoritarismo: quanto mais tentamos compreendê-lo, mais percebemos que ele escapa às categorias fixas e dissolve as certezas com que achávamos poder contê-lo.

Referências

Adorno, Theodor W. 2003. *O ensaio como forma*. Editora 34.

Bacarin, Matheus. 2023. *Não é sobre a vacina, é sobre liberdade: o ativismo contra a obrigatoriedade das vacinas para a COVID-19 no Brasil*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília.

"Bolsonaro volta a minimizar covid no dia em que Brasil bate 150 mil mortes." 2020. *UOL Notícias*, 10 out. 2020. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/10/10/.htm>.

Brasil. Ministério da Saúde. *COVID-19 no Brasil*. <https://covid.saude.gov.br>.

Caldeira Neto, Odilon. 2024. Bolsonarismo, um fenômeno criado pelo próprio Brasil? *NACLA Report on the Americas*. <https://nacla.org/nacla-report-americas>.

Castelli-Rosa, Mariana, e Mariana Lins. 2023. "WhatsApp Aunts": Ageism, Sexism, and the Marginalisation of Older People in Brazilian Politics." In *Gender and age / Aging in popular culture*. Aging Studies Volume XXII.

Castro, Celso, e Marroquim, Dirceu. 2024. *Lucie Varga: entre as mentalidades e o tempo*. FGV Editora.

Cesarino, Leticia. 2019. *Populismo digital, neoliberalismo e pós-verdade: uma explicação cibernética*. Comunicação apresentada na II Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia (VII ReACT), maio de 2019.

Côrtes, Mariana. 2021. "A revolta dos bastardos: do Pentacolismo ao Bolsonarismo." *Caderno CRH* 34: 1-24. <https://doi.org/10.9771/ccrh.v34i0.46419>

Democracy report 2025: 25 years of Autocratization – democracy trumped? 2025. V-Dem Institute. <https://v-dem.net/publications/democracy-reports/>.

Empoli, Giuliano da. 2019. *Os engenheiros do caos*. Vestígio.

Ferreira, Inaiara de Lima. 2021. *#Fakenews denunciada: Eleições brasileiras de 2018 e comentários online*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná.

Galvão, Luiza Lopes. 2019. *A nova direita brasileira chega ao Palácio do Planalto: uma análise do fenômeno e seus paralelos com a Alternative Right*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais.

Gurewitz, Brett. 1990. 21st Century (Digital Boy). Letra de música. In *Against the Grain*. Epitah.

Leal, Maiara Raquel Campos. 2018. *Net-ativismo e o discurso anticorrupção no Brasil entre duas controvérsias: #vem pra rua e #não vai ter golpe*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás.

Lima, Caroline Oliveira Neves de. 2023. *SocIALIZAÇÃO política juvenil e adesão a valores antidemocráticos em tempos de pandemia*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Mendes, Virgílio de Araújo. 2022. *Polêmica como fator de engajamento: como os políticos no Facebook mobilizaram os usuários em 2018*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais.

Menezes, Sergio Schargel Maia de. 2022. *Pode o conceito de fascismo ser aplicado ao Brasil? Uma análise sobre materiais discursivos do Fascismo, Integralismo e Bolsonarismo em seus diversos ciclos e estágios*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Motta, Rodrigo Patto Sá. 2024. Anticomunismo del siglo XXI en Brasil. *NACLA Report on the Americas*. <https://nacla.org/nacla-report-americas>.

Piaia, Vitor, e Marcelo Alves. 2020. Abrindo a caixa preta: análise exploratória da rede bolsonarista no WhatsApp. *Intercom – RBCC* 43, n. 3.

Souza, Renan Arnon de. 2022. *Marolinha ou tsunami? O efeito da onda bolsonarista para os partidos da direita confessional nas eleições municipais de 2020*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná.

Stanley, Jason. 2018. *Como funciona o fascismo*. L&PM Editores.

Roberto Flores Schmidt

Cientista político e publicitário com experiência de mais de 25 anos de atuação em Direção de Criação e Marketing Político e Comunicação Eleitoral. Conquistou o prêmio de Profissional de Criação do Ano pela Associação Riograndense de Propaganda (ARP) em 2016. Participou da eleição de três governadores, dois senadores, quatro deputados e dois suplentes. É membro da Associação Brasileira de Ciência Política e do CAMP (Clube Associativo dos Profissionais de Marketing Político). Pós-graduado em Comunicação Eleitoral e Marketing Político e Comunicação Política e no Setor Público. Mestre em Sociologia e Ciência Política pela PUCRS.

Endereço para correspondência

ROBERTO FLORES SCHMIDT

beto.schmidt@gmail.com

Como citar este artigo

Flores Schmidt, R. Dos Alpes à Tia do WhatsApp: Lucie Varga e os contornos do autoritarismo que o Brasil escapou, por enquanto. *Conversas & Controvérsias*, e48629. <https://doi.org/10.15448/2178-5694.2026.1.48629>

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.